

## PARA ALÉM DA ESTÉTICA: FILOSOFANDO A ARQUITETURA A PARTIR DE GADAMER

Werther Holzer<sup>1</sup>

BATISTA, Gustavo Silvano. **A relevância da arquitetura no pensamento de Gadamer**. Curitiba: CRV, 2020.

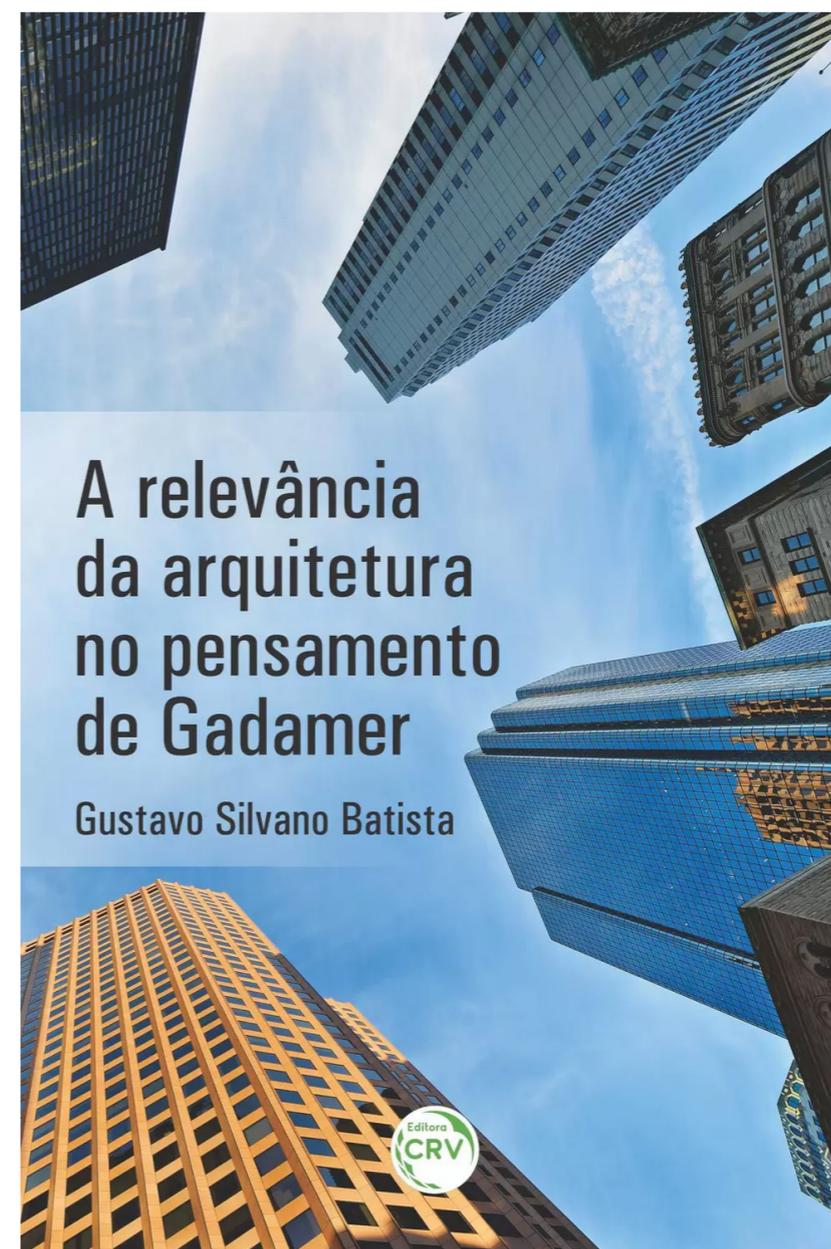
ISBN: 978-65-5578-122-9

ISBN digital: 978-65-5578-125-0

São raros livros escritos por filósofos voltados especificamente para a arquitetura. Faço esta afirmação baseado na Stanford Encyclopedia of Philosophy (2015, s.p.) em seu verbete “Philosophy of Architecture”: “Ao longo do percurso da filosofia ocidental, incluindo a história da estética, a arquitetura, em grande parte, falhou em atrair a atenção detalhada e sustentada – particularmente em comparação com outras formas de arte”.

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Laboratório do Lugar e da Paisagem e dos Grupos de Pesquisa Geografia Humanista Cultural e Cidade, Processos de Urbanização e Ambiente. wertherholzer@id.uff.br.

✉ Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. Rua Passo da Pátria, 156, São Domingos, Niterói, RJ. 24210-240.



Para além da estética: filosofando a arquitetura a partir de Gadamer  
Werther Holzer

Nesta lacuna se insere o livro escrito pelo filósofo Gustavo Silvano Batista, intitulado “A relevância da arquitetura no pensamento de Gadamer”. O autor, estudioso da hermenêutica a partir das obras de Gadamer, dedicou seu doutorado à tarefa, original e árdua, de extrair das obras do filósofo alemão parágrafos esparsos sobre a arquitetura, resultando na tese, defendida em 2013, agora publicada em livro, que aqui comento.

Devo dizer ao leitor que não farei aqui uma resenha seguindo a linha do tempo determinada pelo início do livro, em suas primeiras páginas, e terminando com comentários sobre as conclusões do autor. Na verdade os convido a percorrer comigo as páginas folheadas sem nenhuma ordem, num diálogo íntimo com as minhas referências de leitura e com autores, que não foram citados ao longo do texto, mas que me serviram para refletir sobre a contribuição de Gustavo Silvano Batista, no filosofar sobre a arquitetura, a partir do método e da verdade filosofados por Gadamer.

Assim, se por um lado a filosofia negligenciou a arquitetura, por outro há muito a arquitetura encontra na filosofia a base para se pensar, repensar, criticar e se reafirmar enquanto arte, ainda que sem desprezar o seu caráter técnico.

Deste modo, a partir da década de 1950, muitos historiadores da arquitetura passaram a criticar o Modernismo por abandonar a *poiesis* da arquitetura em favor da tecnologia e da funcionalidade. Dentre esses críticos destaco Christian Norberg-Schulz (1980), que em seu livro “Genius Loci”, entabula um diálogo com Heidegger, a partir de sua conferência intitulada “Construir, habitar, pensar” e Juhani Palasmaa (2013; 2017), em que a arquitetura é pensada a partir de uma base fenomenológica.

Norberg-Schulz (1980, p. 10-12) recorre à fenomenologia para questionar o viés tecnicista do modernismo, afirmando que a **situação**, ensejada pela arquitetura a partir da concentração e do fechamento propiciados pela edificação, ou seja, pela imposição de limites ao ambiente, implica em um **caráter**, determinado por como as coisas são, onde as ações humanas concretas de fato não ocorrem num espaço isotrópico, do desenho somente enquanto projeto, mas num **espaço concreto**, distinguido por suas diferenças qualitativas, que se expressam como o **espírito do lugar** e são catalisadas na obra arquitetônica quando é edificada.

Palasmaa (2016, p. 14-17) critica o *homo faber* que acredita que a tecnologia é capaz de transformar o mundo e nos coloca na situação de pessoas sem lugar. Para os arquitetos o resultado desta crença é o de produzir um artefato artístico desprovido de vida, uma vez que a arquitetura moderna procura eliminar a imagem onírica, recusando tanto a história como a memória. Em outro texto o autor reforça esta posição ao declarar que o pensamento logocêntrico negou a função da imagem e da imaginação, cabendo à arquitetura defender a autenticidade e a autonomia da experiência humana a partir de nosso passado biológico e cultural, defendendo o senso do real a partir da evocação de imagens poéticas (PALASMAA, 2013, p. 19-23).

Para além da estética: filosofando a arquitetura a partir de Gadamer  
Werther Holzer

Otero-Pailos (2010) ao investigar os fundamentos fenomenológicos da arquitetura pós-moderna aponta para uma nova geração de arquitetos historiadores da arquitetura, eu diria, filósofos da arquitetura, que propõe uma nova interpretação que se move entre a estética e a **história social e intelectual**. Segundo este autor “a ênfase positivista na história como um relato das circunstâncias que afetam o arquiteto, subestimam, ou mesmo, reprimem a ação do arquiteto, o elemento subjetivo envolvido na interpretação destes fatos” (OTERO-PAILOS, p. 3). Ainda segundo Otero-Pailos (2010, p. 10-11) esta arquitetura fenomenológica é relativamente autônoma da filosofia, mas a fenomenologia tornou possível argumentar que a arquitetura é baseada na linguagem “sensual” atemporal da experiência imediata.

O livro de Gustavo Silvano Batista inverte este enfoque: aqui é o Gadamer, o longevo filósofo alemão, expoente da hermenêutica, que vai pensar os fundamentos de uma arquitetura a partir de uma crítica radical à subjetivação estética (p. 44). Esta crítica está baseada na ideia de que a experiência da arte se dá como experiência hermenêutica da verdade, onde a **compreensão** é o acontecimento ontológico fundamental (p. 23).

Gadamer procura encontrar na experiência da arte um caminho da verdade que não se identifica com o método científico, a partir de uma crítica da representação (p. 25-26). Neste sentido, Batista destaca a importância, na obra do filósofo, da arquitetura no tratamento hermenêutico da arte, a partir de dois professores que o influenciaram em seus fundamentos. De Hartmann, a arquitetura, a partir da tradição, enquanto vínculo fundamental com a imanência da vida humana (p. 31). De Heidegger, a discussão sobre a origem ontológico-existencial da obra de arte que, assim, abre seu próprio mundo (p. 39).

A partir deste diálogo Gadamer propõe que “compreender ontologicamente uma obra de arte significa experimentá-la em seu modo mais básico de aparição ou de **performance**, ou seja, na relação ao seu mundo” (p. 49, destaques no original). São deixados de lado, assim, os critérios estéticos na análise da obra de arte. Este é o caminho que seguem Norberg-Schulz, Palasmaa e muitos outros arquitetos em sua crítica à arquitetura moderna. Como observa Batista em seu livro, para Gadamer “a arquitetura não se limita a uma função meramente estética, mas encontra-se fundada no processar cotidiano da vida, relacionando-se com suas demandas e perspectivas” (p. 97).

Batista destaca esta crítica de Gadamer com relação à estética e à arte moderna, e também à arquitetura, a partir de uma conferência proferida pelo filósofo, em 1965, intitulada “A Imagem Emudecida”. Nesta conferência foi discutido o progressivo “emudecimento” como característica contemporânea da imagem. Neste sentido, Gadamer pondera que “a arte contemporânea não pode mais rejeitar essa reivindicação de que o trabalho não deve referir-se só a si mesmo quando nos convida a habitá-lo, mas deve, simultaneamente, referir-se ao contexto-vida ao qual pertence e ao qual ajuda a dar forma” (p. 72).

Para além da estética: filosofando a arquitetura a partir de Gadamer  
Werther Holzer

Assim a experiência ontológica da arte se refere a um todo conjuntural e não haveria outra forma de arte, a não ser a arquitetura, que garante a estabilidade e a perenidade da imagem (p. 72-73).

O fundamento das obras de arte está na esfera da comunidade social e histórica (p. 76), devendo ser pensada para além da imagem congelada pela estética e pela dinâmica da copertinência entre a consciência histórica e a reflexividade proporcionadas, como exemplifica Gadamer pelo jogo, pelos símbolos e pela festa. Estes são experienciados na arquitetura, respectivamente, como: o acontecer da compreensão a partir da participação lúdica (p. 81); o reconhecimento primeiro do símbolo enquanto re-presentatione de traços linguísticos comuns expressos pela obra arquitetônica (p. 83-85); a reunião enquanto, nas palavras de Gadamer, “comunhão e apresentação do próprio âmbito comum em sua forma plena” (p. 85).

Ao realizar a sua função de abrigar, a arquitetura reúne pessoas e obras, deste modo a arquitetura, como monumento, abarca toda a multiplicidade das artes garantindo um lugar para a sua execução (p. 95). A arquitetura, então, não se limita a uma função meramente estética (p. 97), ela configura, segundo Batista, “os espaços, constituindo-os e dando-lhes forma e finalidade [...] ela dá às artes um lugar da vida” (p. 97-98).

Batista apresenta a repercussão da hermenêutica filosófica de Gadamer para além da filosofia. Discute a herança de Gadamer do arquiteto e professor checo Dalibor Vesely que, exilado na Grã-Bretanha a partir de 1968, lecionou em diversas universidades de prestígio, dentre elas a de Cambridge. Segundo Batista, para Vesely havia uma urgência em recuperar a arquitetura como expressão artística fundadora, que exige revisão de seu caráter genuíno (hermenêutico) ofuscado pelo domínio técnico-científico contemporâneo (p. 102).

Se Gadamer questiona este caráter a partir do tornar presente (*Darstellung*) da obra arquitetônica, Vesely o questiona a partir da experiência imanente de participação no mundo a partir dos espaços compartilhados, ou seja, como espaço comunicativo (p. 104-105). Neste sentido, segundo Batista: “a arquitetura é sustentada pela linguagem, em seu copertencimento no mundo da vida, aspecto que sustenta a configuração dos espaços enquanto representações adequadas a cada lugar” (p. 106).

Retorno aos fundamentos da discussão de Gadamer sobre a representação e a hermenêutica. Segundo Batista, para Vesely, “a perspectiva representativa da arquitetura indica a elucidação de um aspecto estrutural essencial, que não se expressa somente em sua atividade construtiva, mas também em seu pensamento” (p. 108), deste modo, “o problema da representação está intimamente relacionado com o processo de fazer (*poiesis*) e com a imitação criativa (*mimesis*)” (p. 108).

Gadamer, segundo Batista, em sua crítica radical à subjetividade estética, contrapõe-se ao modo como a subjetividade foi vinculada à esfera subjetiva na modernidade (*Vorstellung*), oferecendo um novo modelo (*Darstellung*) na qual o

Para além da estética: filosofando a arquitetura a partir de Gadamer  
Werther Holzer

sujeito e objeto se colocam numa condição de interdependência e interação (p. 53). Deste modo a subjetividade não é mais o ponto de partida para se pensar nossa relação com a arte. Nas palavras do próprio Gadamer (apud BATISTA, 2020, p. 53) “representar significa fazer com que algo esteja presente”. O *Darstellung* presentifica, restitui a obra de arte em uma esfera imanente da experiência compartilhada e de sentido (p. 60). Segundo Batista “este conteúdo da verdade se manifesta distintamente de qualquer noção de verdade prevista na exatidão de um método” (p. 54).

Batista destaca dois aspectos fundamentais da arquitetura, em sua especificidade como obra de arte: “o monumento arquitetônico realiza um movimento de ‘apresentação’ (*Darstellung*)” (p.68); “o caráter de mediação entre o presente e o passado sustenta a própria atualidade da obra, sua ‘apresentação’ (*Darstellung*), que ocorre sempre de modo renovado” (p. 69).

Em síntese, para concluir, Batista se reporta a uma entrevista concedida por Gadamer, quando tinha 96 anos, aos arquitetos Jacques Herzog e Pierre Meuron. À pergunta “o que é a arquitetura?” o filósofo responde lembrando a sala de visitas, e o assoalho encerado, da casa de sua infância (p. 111). 

## REFERÊNCIAS

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci**: towards a phenomenology of architecture. New York: Rizzoli, 1980.

OTERO-PAILOS, Jorge. **Architecture’s historical turn**: phenomenology and the rise of the postmodern. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

PALASMAA, Juhani. **A Imagem Corporificada**: imaginação e imaginário na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PALASMAA, Juhani. **Habitar**. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.

PHILOSOPHY of Architecture. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/architecture/>>. Acesso em: 9 de junho de 2021.